



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA

RAYANE DA ROCHA MOURA

**A LITERATURA DE CORDEL E A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA: OS
FOLHETOS DE RAIMUNDO SANTA HELENA NO PERÍODO DA
REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL**

JOÃO PESSOA

2022

RAYANE DA ROCHA MOURA

**A LITERATURA DE CORDEL E A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA: OS
FOLHETOS DE RAIMUNDO SANTA HELENA NO PERÍODO DA
REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Letras Português.

Orientadora: Prof.^a Dra. Alyere Silva Farias

JOÃO PESSOA

2022

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M929l Moura, Rayane da Rocha.

A literatura de cordel e a (re)construção da memória: os folhetos de Raimundo Santa Helena no período da redemocratização do Brasil / Rayane da Rocha Moura. - João Pessoa, 2022.
54 f. : il.

Orientação: Alyere Silva Farias Farias.
TCC (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Santa Helena, Raimundo. 2. Folheto. 3. Redemocratização. I. Farias, Alyere Silva Farias. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 398.51

RAYANE DA ROCHA MOURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
– Língua Portuguesa, da Universidade Federal da
Paraíba — UFPB, como requisito para obtenção
do título de Licenciada em Letras – Língua
Portuguesa.

TCC defendido em: ____/____/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Alyere Silva Farias (UFPB/DLCV)
(Orientadora)

Prof^ª. Dr^ª. Ana Cristina Marinho Lúcio (UFPB/DLCV)
(Examinadora)

Prof^ª. Ma. Yasmin de Andrade Alves
(Examinadora)

JOÃO PESSOA

2022

Dedico este trabalho à minha avó, Dona Maria do Carmo que, assim como todos os artistas populares: cantadores, cordelistas e artesãos do Nordeste, encontrou na arte a sua forma de resistir ao cotidiano, fazendo ecoar suas vozes e saberes ao longo de gerações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado ao longo das madrugadas que se sucederam para que fosse possível findar esta monografia durante a rotina de trabalho e estudos.

À minha família, meus amados pais, Joselma e Roberto, por acima de tudo serem o meu porto seguro, fornecendo todos os instrumentos necessários para me possibilitar o privilégio de ter os estudos como prioridade em minha vida, por todo o cuidado, dedicação e amor empenhado eu serei infinitamente grata. À minha querida irmã, Amanda, pelo exemplo que me dá cotidianamente com sua força ao persistir e acreditar na Educação como início, caminho e fim para toda e qualquer mudança. Por ser minha inspiração enquanto ser humano e profissional, e por todo o auxílio dado ao longo da construção deste trabalho, sem esse apoio ele não seria possível.

Ao meu bem, Ricardo, companheiro e confidente que acompanhou minha trajetória desde o início da graduação. Acreditando em mim a todo momento. Por todo seu carinho ao ouvir meus desabafos, seus conselhos e sua compreensão, mesmo nos momentos de extremo estresse e desgaste meu. E também a sua mãe, Fernanda, por sua luz e por todo o afeto direcionado a mim ao longo dessa jornada, serei para sempre grata.

À Anny, Dallet, Larissa e Maria Helena, encontros que a UFPB me proporcionou e que levarei por toda a vida, por compartilharem comigo os últimos anos, tornando momentos difíceis muito mais fáceis. Por toda a parceira nos trabalhos ao longo do curso, palavras de consolo e motivação.

Agradeço também à professora Edna Farias, uma pessoa que em pouco tempo se tornou uma inspiração. Sou grata por toda a sua gentileza me auxiliando ao longo dos últimos meses enquanto conciliei o trabalho na escola a escrita deste trabalho, por seu suporte na execução dos projetos e na lembrança dos prazos.

Às professoras Yasmin Alves e Ana Marinho, por aceitarem compor a banca deste trabalho. Sou grata pela acolhida, pelo tempo dedicado para a leitura e por suas contribuições.

Agradeço à Educação Pública, que fez parte de todos os momentos de minha formação, e para a qual desejo, com todas as minhas forças, dar minha contribuição em reconhecimento.

Aos professores e professoras do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba, saio da instituição nutrindo uma grande admiração por todos. Ao Projeto Folheto por aprofundar o

encantamento que sinto desde sempre pela Literatura de Cordel, por todos os conhecimentos repassados e por todos os encontros.

À professora Alyere Farias, um exemplo de profissionalismo e humanidade, que desde o começo do Projeto Folheto me acolheu com carinho. Por, sobretudo, ter acreditado em meu trabalho e contribuído a todo momento para a execução dele, me conduzindo na reta final da graduação com muita empatia, tornando o que foi um período turbulento da vida mais fácil de lidar.

*No Brasil nós ostentamos
Dolorosas cicatrizes
De vinte assassinos anos
De intermináveis crises,
Por causa de ditadores
Passamos por muitas dores
Nas mãos desses infelizes.*

(Gonçalo Ferreira da Silva)

RESUMO

O presente trabalho analisa a relevância da literatura de cordel produzida por Raimundo Santa Helena, no período de abertura política no Brasil, para a reconstrução de uma memória coletiva acerca do período histórico vivenciado e o seu papel na construção de uma consciência política em seu público leitor. O objetivo geral desta monografia é compreender como a literatura produzida por Santa Helena funcionou como um veículo de informação e conscientização, na mesma medida em que se ocupou de expor de forma crítica a realidade precária enfrentada pela população nordestina após a ditadura. Para esta pesquisa bibliográfica foram feitas as análises do folheto *Cartilha do Povo* (1982) e *Democracia nas Urnas* (1985), fundamentadas nos estudos de Abreu (1999), Luyten (1992), Sarlo (2007), Benjamin (1996) e Santiago (1998). À luz do referencial teórico, pode-se constatar a potencialidade dos folhetos de Raimundo Santa Helena enquanto instrumento pedagógico para as classes populares, atuando na democratização de conhecimentos e na reconstrução de noções subjetivas acerca da realidade coletiva vivenciada.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Raimundo Santa Helena; Redemocratização; Memória; Conscientização; Informação.

ABSTRACT

This paper discusses the relevance of the cordel literature produced by Raimundo Santa Helena, during the period of political openness in Brazil, for the reconstruction of a collective memory about the historical period experienced and its role in the construction of a political consciousness in his reading public. The general objective of this work is to understand how the literature produced by Santa Helena functioned as a vehicle for information and awareness, while critically exposing the precarious reality faced by the northeastern population after the dictatorship. For this bibliographic research, the analyses of the booklets *Cartilha do Povo* (1982) and *Democracia nas Urnas* (1985) were made, based on the studies of Abreu (1999), Luyten (1992), Sarlo (2007), Benjamin (1996), and Santiago (1998). In light of the theoretical framework, one can verify the potentiality of Raimundo Santa Helena's pamphlets as a pedagogical instrument for the popular classes, acting in the democratization of knowledge and in the reconstruction of subjective notions about the collective reality experienced.

Keywords: Cordel Literature; Raimundo Santa Helena; Redemocratization; Memory; Awareness; Information.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Folheto Cruzado Furado	30
Figura 2 - Folheto Desagravo ao Tancredo	31
Figura 3 - Folheto Cartilha do Povo	32
Figura 4 - Folha volante Democracia nas Urnas	33
Figura 5 - Folheto Cartilha do Povo	34
Figura 6 - Folheto Democracia Blindada	34
Figura 7 - Folheto Cartilha do Povo	35
Figura 8 - Folha volante Democracia nas Urnas	48

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 DESLOCAMENTOS: ENCONTRO COM RAIMUNDO SANTA HELENA	14
3 RAIMUNDO SANTA HELENA E A REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL	19
4 OS FOLHETOS DE SANTA HELENA	30
4.1 CARTILHA DO POVO	35
4.2 DEMOCRACIA NAS URNAS	47
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	52

1 INTRODUÇÃO

A Literatura de Cordel, em toda sua singularidade, constitui uma esfera importante da Cultura Popular. Sua manifestação tem as raízes fincada em partilhas orais, por meio desta literatura, saberes e conhecimentos foram deslocados ao longo de gerações pela voz dos poetas, cordelistas e folheteiros, nas feiras e nos espaços públicos da cidade. Ao longo dos anos acabou se construindo como um importante veículo informativo, adentrando a casa do povo sertanejo sem fazer distinções e rompendo as barreiras do analfabetismo, democratizando conhecimentos e possibilitando a construção e preservação de uma memória coletiva. Segundo Curran,

Em sua totalidade a poesia de cordel é uma das literaturas populares de mais sucesso e vitalidade no mundo. Contém um corpus significativo da poesia narrativa tradicional vinda de Portugal (e Espanha), documenta como nenhum outro fenômeno as crenças, gostos e preocupações de muitos brasileiros, diverte ao mesmo povo, e, finalmente, informa e interpreta os grandes acontecimentos da vida local, nacional e até internacional (CURRAN, 1991, p. 570).

Originado em Portugal, o cordel se popularizou no Nordeste ao longo do tempo, assumindo um padrão específico apenas por volta do fim do século XIX (CURRAN, 1991, p. 570). Com suas características capas ilustradas com xilogravuras, essa forma de arte foi conquistando espaços através das mais diversas narrativas, possibilitou entretenimento ao público com as histórias de heróis, adaptações de clássicos literários, lendas folclóricas que permeavam as vivências da comunidade, e possibilitou/facilitou o acesso à informação, com cordéis sobre saúde, educação, figuras políticas e acontecimentos locais ou nacionais, como é o caso dos chamados folhetos noticiosos. De acordo com Oliveira (2007, p. 8):

Numa sociedade agrária sem acesso a outros meios de informação, faziam o papel de verdadeiros jornalistas ao dar notícias de outros lugares, do litoral ou dos centros locais onde se davam os fatos mais importantes. O cordel foi o principal meio de comunicação impressa antes da chegada das prensas rotativas ao Brasil Colônia.

A versatilidade do folheto de cordel concedeu aos poetas um espaço onde suas vozes puderam alcançar os mais variados públicos. Coletivizando vivências e auxiliando seu público-leitor na reivindicação de seu espaço, dando voz às camadas invisibilizadas que ocupam

a base da pirâmide social, conscientizando a partir da simplificação das relações entre a realidade cotidiana e a esfera política e social da época.

Pensando no contexto da redemocratização política ocorrida ao longo da década de 1980, pós ditadura militar no Brasil, verifica-se que no período em questão o país passava por um momento turbulento de reestruturação. Os movimentos artísticos e culturais acabavam de enfrentar um período de grande repressão e censura, é apenas durante o período de abertura que esses artistas passam gradativamente a expor suas ideias e posicionamentos.

O Folheto de Cordel, no período de abertura, apresenta uma mudança nas temáticas abordadas, dessa forma, observa-se aparecer conteúdos mais relacionadas ao cotidiano da população. Essa mudança possibilitará ao cordelista, figura a quem a população depositava credibilidade, uma releitura crítica dos períodos enfrentados a partir do golpe de 1964 e o cenário que circundava esse processo de restabelecimento da democracia.

Nesse período, dentre os diversos cordelistas que tomaram coragem para expor seus posicionamentos, Raimundo Santa Helena se apresenta como um poeta de grande ativismo político e social, apresentou em sua literatura um caráter crítico singular, dando voz ao povo e trabalhando na criação de uma consciência de classe. Dessa forma, a originalidade da poesia em setilhas de Santa Helena relacionadas ao seu contexto histórico despertaram o interesse para a realização do presente trabalho.

Levando em consideração o exposto, o objetivo geral deste trabalho é compreender como a literatura produzida por Raimundo Santa Helena no período histórico que corresponde a abertura política vivenciado no Brasil na década de 1980 funcionou como um veículo de informação e transmissão de conhecimentos para o seu público leitor, exercendo um papel pedagógico na construção de uma consciência política, na mesma medida em que deu voz às classes populares, reivindicando direitos para a população sertaneja nordestina que vivenciava uma realidade precária, decorrente da crise do período.

Temos como objetivos específicos identificar a relação entre os discursos produzidos pelo Raimundo Santa Helena e as características do contexto socioeconômico cultural na década de 1980. Compreendendo a relevância da diversificação de fontes e elementos paratextuais (como recortes de jornais e ilustrações) no fomento dos discursos produzidos pelo poeta.

Para contemplar os objetivos propostos foi utilizada a metodologia de pesquisa bibliográfica e a análise dos folhetos produzidos pelo autor no período já citado. O trabalho foi

estruturado visando, em um primeiro momento, apresentar o cordelista Raimundo Santa Helena, discutindo sua relação com o período histórico delimitado para a pesquisa. Posteriormente, buscamos conceituar os sentidos atribuídos à palavra “povo” e “popular”, relacionando esses sentidos à literatura de cordel e à posição ocupada pelo cordelista no exercício de suas funções, relacionando esse papel à (re)construção de uma memória coletiva acerca do período vigente, possibilitando reflexões críticas sobre a realidade enfrentada pela classe popular. Após as discussões iniciais, foram analisados um folheto e uma folha volante publicados pelo autor, respectivamente, no ano de 1982 e 1985.

2 DESLOCAMENTOS: ENCONTRO COM RAIMUNDO SANTA HELENA

A Literatura de Cordel desenvolvida por Raimundo Santa Helena entre as décadas de 1960 à 1990, tem suas raízes na Cultura Popular que se desenvolve na região Nordeste do Brasil, sendo socialmente construída como uma experiência cultural produzida pelo povo e que circularia, principalmente, entre o povo (BENJAMIN, 1996).

Considerado também um importante meio de comunicação, esta experiência cultural tem suas bases e partilhamentos fincados na oralidade, sendo assim, as ações de cantar e contar são marcas que permeiam a materialidade do texto escrito e tipografado em folhas formato in quarto, às vezes desde sua concepção e muitas vezes em sua oralização nas experiências de declamação de seus versos (ABREU, 1999).

Ressalte-se que estas características de partilha oral e de materialização física de publicação tornaram os conteúdos expostos nos folhetos acessíveis para grande parte da população, de acordo com Luyten (1983):

A cultura popular se dá em sociedade onde há elite e povo, participando de manifestações comuns como língua, religião, composição étnica, e assim por diante. As manifestações populares vão dar-se, em sua grande maioria, de forma oral. É que a comunicação a nível popular, na realidade, significa a troca de informações, experiências e fantasias de analfabetos ou semiletrados para seus semelhantes (LUYTEN, 1983, p. 21).

Dessa forma, poesias que narram desde histórias fantásticas à acontecimentos do meio político, são difundidas pela linguagem de fácil entendimento dos versos ritmados, atravessando os mais diversos ouvintes e rompendo até mesmo as barreiras do analfabetismo, em tom de conversa com o leitor/receptor, perpetuando saberes e espalhando informações através da cativação de seu público (AYALA; AYALA, 1987). Esses atributos dão vida à originalidade e beleza que esta literatura carrega.

Ao longo dos anos, os folhetos continuam cumprindo diversas funções sociais. Desde a difusão das tipografias no Brasil, especialmente no início do século XX (ABREU, 1999) no Nordeste brasileiro, até o momento atual, os poetas populares, munidos de voz, viola ou folhetos, muitas vezes os três, e agora também fazendo uso de novas tecnologias, servem entretenimento contando casos de amores proibidos, assombrações, encontros com entidades, na mesma medida em que denunciam em suas composições as mazelas que afligem as classes menos favorecidas,

dando voz às reivindicações do povo, noticiando acontecimentos de todos os níveis e compartilhando conhecimento sobre o contexto social e político do país.

Foi justamente esse caráter informativo e denunciativo que concedeu à Literatura de Cordel, durante muito tempo, o título de Jornal do Sertão, pois em uma época em que era difícil o acesso ao jornal impresso, rádio ou televisão - posto o seu alto valor para consumo - foi através desta literatura que a informação chegou às casas do sertanejo. Essas informações eram mescladas com a opinião do próprio cordelista sendo rotineiramente contadas e cantadas entre improvisos, performances, pelejas e repentes nas feiras regionais, mas também nas praças públicas das cidades interioranas (ABREU, 1999).

Dentro desse contexto, poetas como José Soares, Mestre Azulão, Cuíca de Santo Amaro e Raimundo Santa Helena exerciam o papel de jornalistas do povo, de acordo com Luyten (1981, p. 86-87):

Podemos considerar a literatura de cordel como o jornal do povo, pois ela trata de todos os assuntos suscetíveis de interessar a população marginalizada pelo sistema [...]. Nosso poeta é, assim, um porta-voz do povo para o qual ele escreve e do qual tira sua visão universal.

Dessa forma, esses cordelistas, além de funcionarem como porta voz de uma população menos favorecida, atuavam democratizando o acesso às ocorrências cotidianas de todas as esferas do país e do mundo, cada um à sua maneira. Intitulados poetas-repórteres (ASSUNÇÃO, 2007, p. 20) esses cordelistas são alguns dos principais autores cuja obra se encaixa na categoria de folhetos circunstanciais, uma vez que dizem respeito aos folhetos encarregados de noticiar os fatos cotidianos que naquele momento estavam sendo veiculados nas grandes mídias. Em meio a inúmeros poetas dessa categoria, se destaca Raimundo Santa Helena, foco desta presente pesquisa.

Por batismo, recebeu o nome Raimundo Luiz do Nascimento, mas pela boca do povo ficou internacionalmente conhecido por Raimundo Santa Helena. Nasceu “em um trole rodando à vara” (SANTA HELENA, 1998) no dia 26 de abril de 1926, e como o próprio cordelista afirmava em vida: era um Paraibense, pois “sua cabeça nasceu na Paraíba e o restante do corpo nasceu no Ceará” (SANTA HELENA, 1998). Essa dupla natalidade se explica com sua peculiar história de vida, cujo ponto de partida, pode-se dizer, foi a morte do pai pelas mãos do bando de Lampião durante a invasão ocorrida em Santa Helena, cidade do sertão de Cajazeiras, em 1927. Tendo

crescido com essa mágoa, aos 11 anos de idade Raimundo Santa Helena sai de casa armado com um canivete e disposto a vingar a morte do pai. Essa aventura acaba o levando à Fortaleza, onde é acolhido por uma professora que o incentiva a estudar.

Como resultado, em 1943, o cordelista é admitido na Escola de Aprendizes de Marinheiros do Ceará. De lá seria convocado para atuar pela bandeira brasileira na Segunda Guerra Mundial. Foi em razão de sua participação na Marinha que o autor teve a oportunidade de estudar nos Estados Unidos, possibilitando a escrita de folhetos também em língua inglesa. Com o fim da guerra em 1945 veio a publicação do seu primeiro cordel, “Fim da Guerra”, escrito a bordo do navio Bracuí e declamado para seus companheiros de embarcação.

Santa Helena possui uma lista extensa de feitos que merecem ser aqui citados, todavia, destacam-se: suas duas condecorações concedidas pelo Presidente da República pela participação do cordelista na Segunda Guerra, o recebimento em 1983 do Prêmio Porto de São Mateus de Resistência Cultural, entregue juntamente a Gilberto Freyre, Augusto Ruschi e Jorge Amado, além de ter sido o fundador da tradicional Feira de São Cristóvão no Rio de Janeiro. No que se refere às suas realizações na Literatura de Cordel, o poeta possui mais de 2 milhões de exemplares em circulação dos cerca de 300 títulos de sua autoria, tendo um deles sido traduzido para 10 línguas diferentes. Capas de seus folhetos ilustram livros na França e no Japão (DICIONÁRIO MPB, [s.d.]).

Em vida, Raimundo Santa Helena compôs um dos maiores acervos físicos sobre a Literatura de Cordel. Em uma forma de preservar a memória, o material é composto por pesquisas, recortes de jornais, livros, revistas, diplomas, arquivos pessoais, folhetos e xilogravuras. Em ocasião da morte do cordelista, todo o dossiê foi doado para a Fundação Casa de Rui Barbosa em uma cerimônia realizada no dia 30 de Julho de 2019. A instituição realizou um processo de restauração e disponibilização para consulta, atualmente esses documentos integram o repositório virtual da Casa, o que viabilizou a realização deste trabalho.

Os estudos acerca da Cultura Popular vem caminhando ao longo dos anos e ocupam também espaços no meio acadêmico. Buscar compreender a Literatura de Cordel como um Patrimônio Cultural, nos termos do decreto 3.551/2000, mas que só foi assim reconhecida pelo Iphan em 19 de setembro de 2018, é ressaltar que esta produção demonstra uma forma de expressão identitária. Tal perspectiva é fundamental para a valorização desta literatura enquanto instrumento de perpetuação da memória coletiva e social de um povo. Nesse contexto, esta

pesquisa surge do desejo em contribuir para os estudos que alavancam o reconhecimento e valorização do Cordel e da Cultura Popular.

Seguindo esta concepção, a semente deste estudo nasceu durante a participação como voluntária no projeto de extensão: O Folheto de Cordel e a Pluralidade de Linguagens, sob orientação da professora Alyere Silva Farias. As atividades do projeto eram executadas em parceria ao Núcleo de Pesquisa e Documentação da Cultura Popular (NUPPO), situado na Universidade Federal da Paraíba, que dispõe de uma Cordelteca com títulos diversos.

O projeto visava promover e divulgar a cultura popular através da leitura dos folhetos, priorizando os que se encontram disponíveis no acervo do NUPPO. As ações vivenciadas como voluntária ocorreram no período de 2021 e 2022 no ambiente virtual, envolviam sobretudo a declamação de folhetos de cordel e a divulgação das obras e cordelistas presentes na Cordelteca do Núcleo.

Dentre os autores disponíveis no acervo encontra-se Raimundo Santa Helena. Em ocasião da realização de uma das atividades do projeto de extensão, o nome do autor a minha vista destacou-se dos demais devido à ousadia dos títulos de suas obras. Santa Helena tem sua trajetória de vida muito marcada pela militância cultural e política, suas opiniões, muito à frente de sua época, eram nitidamente expressas em suas composições em um período onde a repressão sofrida pelos artistas nas décadas anteriores ainda assombrava. Assim vemos os versos “O mal do vil ditador/ Não é só a ditadura/ É a sua ojeriza/ Pelas coisas da cultura/ Pois é mais fácil domar/ Quem só sabe apoiar/ Como faz a ferradura...” em *Incultura Popular*, publicado em 1986, e “Do progresso brasileiro/ O povão não usufrui/ Embora com seu suor/ É o que mais contribui/ Mas num regime que suga/ O honesto que madruga/ Nada que preste possui” em *Cartilha do Povo* (1982). Títulos que chamam atenção pela sagacidade e originalidade, sobretudo ao levarmos em consideração o momento em que foram publicados.

É notório que o poeta-repórter tecia suas opiniões de forma bastante incisiva em seus versos. O que se unia ao método próprio de compor os folhetos ilustrados com recortes de fotografias e manchetes. Tendo em vista o alcance que esses folhetos obtinham, seu público leitor, o conteúdo e os lugares por onde circulavam, é possível refletir sobre a importância da literatura do poeta como um meio informativo e de promoção de emancipação para a população no decorrer do período em que o país passava por uma reestruturação pós ditadura civil-militar.

A partir das constatações expostas, surgiu o interesse pelos folhetos publicados pelo autor durante a chamada abertura política do Brasil até o início do que ficou conhecido como período de redemocratização (1975-1985). Para a realização da presente pesquisa foram utilizados dois folhetos de autoria do poeta como objeto de estudo, cada folheto pertencente respectivamente ao que é considerado o início e o fim do contexto supracitado, objetivando compreender como as informações e sentidos produzidos sobre o período referente à redemocratização no Brasil eram difundidas entre as classes populares através das obras de Raimundo Santa Helena, na mesma medida em que dava voz e visibilidade à realidade precária da população.

3 RAIMUNDO SANTA HELENA E A REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL

O período que compreende o final da década de 1970 e toda a década de 1980 no Brasil é marcado pelo processo de ruptura de um regime autoritário para a construção de um regime democrático. Esse momento ficou conhecido como Redemocratização ou Reabertura pós-Ditadura, infligida a partir do golpe de 1964, com a destituição do presidente eleito democraticamente e a tomada de poder pelas forças militares até o ano de 1985. Dentro desse contexto, no cenário político brasileiro, fundado na resistência a esta militarização do Estado, como resultado das lutas dos movimentos sociais e respostas às exigências e pressões externas ao país, experimenta-se, de maneira explícita um movimento de abertura política e reestruturação das instituições e aparelho democrático do Estado, cenário que será palco para a pesquisa desenvolvida no presente trabalho.

Inicialmente, é cabível discorrer sobre como esse período é compreendido pela história, bem como sua influência no que se refere às produções artísticas e literárias da época e como a noção de Cultura Popular começou a ser construída durante esse mesmo período.

De acordo com AYALLA (1987), no decorrer da década de 1960 o Brasil passa por um período de grande efervescência intelectual. Junto com as tensões desencadeadas pelo cenário político/social da época, surgem as discussões sobre a construção da identidade do povo brasileiro, sob influência desse cenário, bem como sobre a Cultura Popular e o que ela implica para a compreensão dessa identidade. Durante esse período, é possível observar que a busca por uma definição de arte e cultura popular passou por diversas etapas, indo desde a ideia de *arte do povo* para *arte popular revolucionária* até o momento em que se intensifica a repressão imposta pela ditadura (especialmente após o Ato Institucional nº 5 de dezembro de 1968). Sobre esse momento, a autora discorre:

A cultura popular passa a ser estudada, a partir da década de 70, sob uma nova perspectiva: não mais a da “vanguarda iluminada”, que vai ensinar ao povo, mas de tentar compreender, fugindo das generalizações maniqueístas e lineares, sua cultura como parte de um processo de exploração econômica e dominação política. Isso requer um estudo de práticas culturais concretas, com o auxílio de um instrumental teórico e metodológico mais rigoroso que permite uma visão mais crítica não só da cultura popular, mas também das noções existentes a respeito dela (AYALA; AYALA, 1987, p. 48).

As discussões em torno do conceito de Cultura Popular encaminham para sua compreensão como um produto histórico, sendo essencialmente heterogênea e constituindo um campo onde as relações de poder estão nitidamente expressas. Dessa forma, as práticas da cultura popular constituem “um processo dinâmico e atual no interior de uma sociedade dividida em classes”, sendo assim, “elas se reproduzem e atuam como parte de um processo histórico e social que lhes dá sentido no presente, que as transforma e faz com que ganhem novos significados.” (AYALA; AYALA, 1987, p. 52).

O cordel atua nesse espaço enquanto produto social e cultural - e, portanto, político -, produzido a partir da leitura de mundo de um povo acerca de sua realidade e para o povo enquanto instrumento democratizante de informações e críticas ao contexto social no qual está inserido.

Por outro lado, existem conotações diversas aos sentidos atribuídos às palavras “povo” e “popular” entre processos de massificação dos sujeitos e resistências atribuídas às suas subjetividades. Contudo, é relevante salientar as mudanças ocorridas sobre esses conceitos ao longo da história.

Como discutido por Cavignac (2006), é com o surgimento das ligas camponesas, na década de 1960, que o que antes era visto apenas como uma parcela da população pobre e marginalizada, passa a ser enxergada como uma massa organizada e consciente das injustiças a ela afligidas. Esse contexto de 1960 apresenta uma sociedade em busca da solidificação de direitos trabalhistas e vê emergir com maior apelo a necessidade por uma reforma agrária.

No que se refere à cultura popular e a essa ideia de povo, a autora delimita:

Esse “povo”, mesmo quando analfabeto, mal nutrido e alienado, deteria um tesouro ameaçado de desaparecimento: o saber “popular”, o folclore, a “tradição”. Essa tradição é definida como representando o conjunto de habilidades, de práticas, de crenças, mas também de narrativas, transmitidas oralmente de geração a geração (CAVIGNAC, 2006, p. 48).

A partir dessa perspectiva, constrói-se o perfil leitor dos cordelistas da época, a parcela da população para quem era pensado e escrito esses folhetos. Como discutido anteriormente, há uma mudança no imaginário das elites sobre essas pessoas a quem estava atribuída a palavra “povo”, nos versos de *Incultura Popular*, Raimundo Santa Helena já traz uma reflexão sobre essa visão para a própria população:

Há uma nomenclatura
 De palavras abrangentes
 Para definir as classes
 De pessoas dependentes
 Como massa de manobras
 Se contentando com sobras...
 São todas obedientes!
 (SANTA HELENA, 1986, p. 4)

Contudo, há uma mudança que terá como estopim a formação das ligas camponesas. É a partir das ligas que uma população que era essencialmente marcada pela opressão do regime coronelista, exaurido por condições de trabalho precárias, começa a se organizar e articular, na região nordeste, um movimento de resistência caracterizado pela luta dos trabalhadores rurais por seus direitos. Essa mobilização popular quebrará a visão dos trabalhadores como um povo passivo, em contrapartida, a mídia age construindo a imagem desse movimento como uma grande ameaça à ordem social, como elucidado por Montenegro (2004, p. 407): “assim, de forma gradativa, eram elaboradas as condições que justificariam a ruptura do pacto constitucional”.

É com o estabelecimento da ditadura que a luta dos trabalhadores rurais é sufocada, mas sua memória será perpetuada através de diversos cordelistas, incluindo Santa Helena em *Brasil 500*, “Governante com dinheiro faz mordação/ Sufocando liderança do povão”, entre folhetos que circularão entre a população trazendo reflexão sobre esse cenário que se formou e, em muitos títulos, funcionando como um lembrete de sua própria força.

Como discutido por Cavignac, é esse povo que detém o saber popular, isto é, um conjunto de tradições e saberes ancestrais que foram perpetuados e cultivados por gerações através das narrativas orais, uma forma de memória e resistência que já tinha sua importância reafirmada por Walter Benjamin (1996), ao discutir sobre as experiências comunicáveis. Na análise promovida por Cavignac (2006), a literatura de cordel, elemento da cultura popular, pode ser enxergada como um resultado de “sobrevivências” promovidas de forma essencialmente oral pelos cantadores, poetas e folheteiros nas cidades e capitais. Essa relevância dos folheteiros é ressaltada por Raimundo Santa Helena em muitos dos seus versos, entre eles os do cordel *Inimigos da Arte Popular*:

O artista popular
 Transmite a arte pura
 Sua manifestação

É a raiz da cultura
 Vai fazendo rir a massa
 Silenciosa que passa
 Escondendo a amargura.
 (SANTA HELENA, 1988, p. 2)

Todavia, as marcas da oralidade acabam fazendo com que alguns folhetos tenham sua autoria atribuída ao coletivo. Em vista de seu caráter de transmissão oral, por ser passada de gerações para gerações, a autoria de muitos folhetos acaba sendo perdida ao longo do tempo, havendo uma tendência a apresentação do cordel como uma literatura sem autores, além dos acréscimos e alterações feitos por seus emissários, contudo, de acordo com Cavignac (2006, p. 56): “Se a transmissão oral deforma o relato, ela o enriquece e o religa a outros níveis da realidade empírica. É, portanto, na palavra enunciada que se deve pesquisar o alcance dessas histórias.”

Nessa perspectiva de arte e cultura, no que se refere ao período da ditadura militar, o contexto vivenciado pelo país influenciou diretamente nas mais diversas manifestações artísticas do período. Esses impactos foram gerados, sobretudo, pela repreensão, censura e perseguição aos artistas e intelectuais da época, que ocorriam enquanto era arquitetada uma reconfiguração nas formas de cultura no Brasil, visando uma dinâmica massificada e midiaticizada. De acordo com Rubem (2007, p. 6), a arte e a cultura produzida durante nesse contexto podem ser compreendidas em três momentos diferentes. Em uma primeira instância, que data de 1964 à 1968, momento de instalação do regime, observa-se que, apesar das represálias sofridas pelos artistas, ainda há manifestações contra o regime, o que já não ocorre durante o final da década de 1968 a 1974, momento que o autor define como:

o mais brutal da ditadura, é dominado pela violência, prisões, tortura, assassinatos e censura sistemática bloqueando toda a dinâmica cultural anterior. Época de vazio cultural contrariado apenas pela cultura “marginal”. Tempo de imposição crescente de uma cultura midiática, tecnicamente sofisticada e fiel reprodutora da ideologia oficial (RUBEM, 2007, p. 7).

É somente após esse período que, com as eleições legislativas de 1974, inicia-se o momento de flexibilização, compreendido por “abertura” política, que corresponde ao final de 1974 a 1985, onde há a diminuição da violência e onde começa a caminhar algumas iniciativas culturais, como a criação do Ministério da Cultura. Contudo, serão iniciativas marcadas pela instabilidade, como ressaltado pelo Rubem (2007, p. 37): “A sua implantação é um exemplo

contundente desta tradição de instabilidade: criado em 1985 por Sarney; desmantelado por Collor e transformado em secretaria em 1990; novamente recriado em 1993 por Itamar Franco.”.

É decorrente desses percalços no estabelecimento de resoluções voltadas para cultura no Brasil, ao longo do final do século XX, que a literatura de cordel será admitida como um Patrimônio Cultural Imaterial (PCI) apenas três décadas mais tarde, no ano de 2018. Se inserindo no Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Ressaltando que essa iniciativa só foi possível devido ao reconhecimento dos bens culturais de natureza imaterial, que é o caso dos folhetos (em vista da sua natureza oral), como um patrimônio.

A literatura de cordel, ao longo de sua história, se constrói em sua essência como uma arte de resistência, essa característica se manifesta em todas as suas esferas, seja em sua forma de escrita, veiculação, seu público alvo, os espaços em que ela circula ou em seus escritores. O processo de aceitação da literatura de cordel enquanto um elemento da cultura brasileira e um patrimônio só ocorre devido à incessante luta dos cordelistas e repentistas pelo reconhecimento de sua classe.

Essa trajetória é marcada por inúmeras repreensões e perseguições aos cordelistas, que na maioria das vezes eram presos e tinham sua mercadoria apreendida desde o início do século XX, em vista que por muitos anos o comércio de folhetos foi considerado uma contravenção. Com a chegada das décadas de 1950 e 1960 essas perseguições se intensificaram com o popularmente conhecidos como “rapas”, prática onde os fiscais da prefeitura confiscavam toda a mercadoria dos folheteiros nas feiras. Essas ocorrências são citadas por Raimundo Santa Helena em seu cordel sobre a criação da feira de São Cristóvão:

A FEIRA chegou assim
Na sua Quinta etapa
Só aos domingos porquê
Não era dia do “rapa”.
(SANTA HELENA, 1998, p. 5)

É apenas com muita luta, a partir da organização dessa classe em sindicatos e “através da promoção de congressos, festivais e apresentações para os meios de comunicação, os poetas foram conquistando o direito à livre expressão em praça pública e a comercialização de seus

folhetos” MELO (2019, p. 254) que, aos poucos, a literatura de cordel e o repente vão conseguindo o seu devido reconhecimento social.

É apenas durante o período de abertura política que os cordelistas, representantes de uma literatura popular até então marginalizada, ganham espaço para reivindicar seus direitos e o seu reconhecimento. Nesse contexto, é organizado por Raimundo Santa Helena o Primeiro Congresso Nacional dos Cordelistas, em 1980, onde ele e outros poetas denunciaram as censuras sofridas até então e exigiam a inserção da literatura de cordel no currículo escolar, esse último devido ao verbete inserido no Dicionário Escolar de Língua Portuguesa do MEC que define a literatura de cordel como “a de pouco ou nenhum valor literário”.

Anos mais tarde, Santa Helena tenta se candidatar à cadeira vaga na Academia Brasileira de Letras, na voz do próprio poeta: “a inscrição na ABL foi de consenso nacional entre poetas e pesquisadores. Faço isso em homenagem à cultura popular” (CORDEL: um cantador..., 1983). É com a recusa do cordelista na ABL que a Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC) é fundada.

Em meio a tantos percalços, o período de redemocratização abrirá espaço para reivindicações das classes populares. A luta pelo reconhecimento da literatura de cordel é uma delas. Em meio a muita resistência dos cordelistas, repentistas, emboladores e folheteiros, esse período possibilitou que a literatura de cordel, elemento da cultura popular até então marginalizada e excluída, passasse a conquistar espaços e ganhar força com a organização dessas figuras que a representam.

Nesse ínterim, em relação às demais artes, durante a ditadura é possível observar o surgimento de movimentos marcados pelo discurso de resistência, a exemplo do teatro com o Grupo Opinião, e da sétima arte com o Cinema Marginal, a música, com representantes da MPB e Bossa Nova, e a literatura com seus autores na poesia concreta e social. Contudo, no período de abertura política, o que antes era ocupado por um discurso contra a opressão passa a dar lugar a uma arte que se propõe a expor o que foi experienciado durante a ditadura militar.

Perceber esta mudança de tema, sobretudo do registro de relatos sobre o período da ditadura, expõe a importância da voz que na arte passa a se apresentar, não só como resistência, mas como possibilidade de existência após aquele período. Walter Benjamin, no capítulo “Experiência e Pobreza”, usa o cenário deixado após a Primeira Guerra Mundial para discorrer

sobre a ausência de experiências comunicáveis após um período de fragilidade, sobre sua realidade, ele ressalta:

Na época, já se podia notar que os combatentes tinham voltado silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. (...) Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes (BENJAMIN, 1996, p. 37).

Trazendo para o cenário brasileiro pós ditadura, o que é possível identificar depois da experiência traumática de um regime autoritário é este silêncio, fruto provável do silenciamento forçado nestes vinte anos, a ausência de experiências passíveis de serem transmitidas em um tempo anterior ao golpe e que já não existia, mas que passam a ser trabalhadas na arte, difundidas na literatura com o objetivo de recontar histórias invisibilizadas/apagadas, preenchendo as lacunas deixadas por uma “história” roteirizada pela lógica opressiva daquele momento vivenciado. Sendo assim, é nesse período que surgem os depoimentos e testemunhos das vítimas do período ditatorial e a denúncia de seus algozes.

No que se refere à Literatura de Cordel, uma mudança similar é observada nas narrativas. As antigas histórias permeadas pelos universos fantásticos de heróis, princesas, pelejas e cangaceiros, passam a dar lugar a versos que tratam “muito mais do momento ‘atual’, dos acontecimentos, notícias e problemas do tempo presente. Passara a época dos antigos romances europeus e daqueles imitados no antigo Nordeste.” (CURRAN, 2011, p. 275).

Ainda que as histórias com temas tradicionais dos folhetos ainda sejam produzidas, é notório, entre os diversos autores em atividade durante as décadas de 1960 e 1980, uma preocupação maior em trabalhar o cotidiano, expondo esse cenário fragilizado social e politicamente pós-ditadura no país. Essa tímida liberdade dos artistas, proporcionada pelo período de abertura, é usada por Santa Helena no folheto *Brasil 500*, onde o poeta faz uma denúncia, “em nome da abertura”, sobre a morte de três sargentos:

Denuncio à nação
Em nome da abertura
Que a morte dos sargentos
E desmaios foi tortura:
Com a água proibida
Como castigo a vida
Ressequir na sepultura...
(SANTA HELENA, 1987, p. 3)

Ainda de acordo com Curran (2011, p. 275), sobre a mudança que acontece nos folhetos durante esse período, o autor afirma: “os poemas tratam, definitivamente, de temas ‘modernos’ e preocupações do fim do século.” Essa temática pode ser claramente vista em *Cartilha do Povo*, publicado em 1982 por Santa Helena, cordel onde autor discorre sobre o cotidiano das classes menos favorecidas na atual conjuntura política e social do país, fazendo reivindicações enquanto ressalta, em seus versos, a importância da votação consciente da população:

Trabalhador que recebe
Só o mínimo salário
Família com 7 pobres
3 cafézinhos diários
Não sobra nem um tostão
Para bisnaga de pão
Pobre vai chupar rosário.
(...)
Que haja maior respeito
Pelos grupos raciais
Também pelas minorias
Porque nós somos iguais
Um ensino democrático
Humano moderno prático
Justiça nos tribunais.
(SANTA HELENA, 1982, p. 5)

A Cultura Popular está intrinsecamente relacionada ao seu contexto social, sua forma de produção, circulação e recepção. Nessa perspectiva, Curran (2011, p. 18) ressalta que a Literatura de Cordel seria “produto dos brasileiros pobres e desprivilegiados, é a história ‘não oficial’ de grande parte do Brasil, isto é, o retrato não-oficial”, sendo assim, é através dela que o povo consegue se expressar de forma a ser compreendido pelos seus, expor sua realidade e encontrar um meio de ter sua voz valorizada.

Essas narrativas produzidas pelas classes populares têm como característica primordial a de ser feita pelo povo e para o povo, dessa forma “torna-se evidente que a produção cultural tem necessariamente um caráter político, é atravessada pelas relações de poder intrínsecas à sociedade dividida em classes” (AYALA; AYALA, 1987).

Essa “história não oficial”, exposta nos folhetos, traz a visão dessa população marginalizada sobre sua trajetória a partir de suas próprias vivências, sendo assim construída a partir de “sobrevivências”, como elucidado por Cavignac, e se consolida não apenas um produto

histórico, cultural e político, como também um instrumento de reconstrução e perpetuação da memória. Dessa forma, no contexto de abertura política da década de 1980, os folhetos auxiliaram na construção de uma memória coletiva, a partir da subjetividade dos indivíduos, com as abordagens das ocorrências nacionais, passadas ou presentes, entrelaçando fatos cotidianos à visão do cordelista, objetivando sempre trazer uma reflexão para a população. Essa forma diferente de narração pode ser observada em *Democracia Blindada*, publicado em 1982:

Brasil, Rio, março de 64;
 Agita-se Conselho de Segurança -
 Inimigo da Pátria faz aliança,
 A subversão no País é um fato...
 O soldado ojeriza general.
 Ninguém segura inflação galopante,
 Democracia prepara funeral..

As donas de casa não têm mais feijão,
 Arroz, açúcar, café, pão, nem manteiga.
 Para traidores é justiça meiga,
 Para patriotas é a lei do cão.
 Na central comício vejo entreguistas:
 Exigem Congresso sem do povo voto.
 (SANTA HELENA, 1982, p. 2)

Esse processo de reconstrução do passado, na literatura de cordel, trará os sujeitos enquanto protagonistas. Assim, uma perspectiva que por muito tempo foi afastada da história “oficial”, terá sua vivência reconhecida e legitimada. Esse exercício possibilitará “Reconstituir a textura da vida e a verdade abrigadas na rememoração da experiência”, o que só será viável devido “a revalorização da primeira pessoa como ponto de vista, a reivindicação de uma dimensão subjetiva (...)” Sarlo (2007, p. 17). Ademais, sendo a literatura de cordel uma arte que tem suas raízes na oralidade, sua relação com a memória de quem a dissemina é intrínseca.

Ainda de acordo com Sarlo, ao discorrer sobre os regimes totalitários vivenciados na América Latina, a autora pontua a importância das narrativas orais, como os testemunhos, para o preenchimento das lacunas deixadas pelo passado. Contudo, para além de relembrar o passado e tentar reconstruí-lo, se faz importante compreendê-lo como um todo a partir da reflexão sobre essas memórias, em vista que isso possibilita o seu entendimento bem como suas implicações para o presente e futuro. Nesse sentido, o folheto de cordel se edifica como um discurso subjetivo que auxilia a população no exercício de reflexão sobre sua própria história. Segundo a autora:

A narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum (SARLO, 2007, p. 25).

Sob esse viés, a literatura de cordel se insere no contexto de abertura política pós ditadura no Brasil como uma forma de linguagem que, se usando da vantagem de ser comum entre as classes populares, vai relatar experiências que embora contadas de uma perspectiva subjetiva (a do cordelista), dará voz à vivências coletivas de toda uma população, retirando-as de seu lugar de esquecimento e as transformando em narrativas que serão perpetuadas ao longo de diferentes temporalidades. Possibilitando, além da construção da memória, o reparo de uma identidade. De acordo com Santiago (1998, p. 5): “Dar significado a um poema, ainda que passageiramente, é torná-lo seu, indicador de uma resposta cultural efêmera/definitiva sobre a identidade do indivíduo que o lê e do grupo que passa assim a existir.”.

Nesse sentido, os cordelistas desempenham um papel mediador entre a informação e a população, trazendo uma perspectiva crítica aos acontecimentos ao politizar o cotidiano nos versos, democratizando um conhecimento acerca do mundo que muito pouco chegava às classes populares, incentivando o pensar crítico e a união do povo, construindo uma memória coletiva e colaborando para a compreensão da população sobre sua própria identidade:

Nenhum Governo respeita
 Povão que é desunido
 O Lobo vira Senhor
 Do cordeiro encolhido
 Quem não se junta perece
 Mas quem se une merece
 Um viver evoluído.
 (SANTA HELENA, 1982, p. 9)

Paralelo ao processo de construção de uma democracia se iniciava a demanda popular pela realização de eleições diretas e o começo do pensar em uma constituição. Nesse ponto, na literatura de cordel, Raimundo Santa Helena inicia um trabalho de exposição dos vários acontecimentos que permeavam a realidade política e social do país no período. Segundo Curran (2011, p. 14), o valor do folheto de cordel “não reside apenas na qualidade humilde da poesia em si, mas no dizer de um povo e de uma nação”, dessa forma, dentro da realidade em questão, o folheto possibilitou que parte da população, onde poucos tinham acesso à informação, tivesse

conhecimento sobre o que andava ocorrendo no Brasil em uma linguagem que o é além de acessível, produzida por alguém com que esse povo se identifica.

Esse caráter politizado traz para a literatura de Santa Helena uma singularidade que ainda é pouco estudada no meio acadêmico, sobretudo levando em consideração a trajetória artística do poeta, marcada por sua constante militância, engajamento nas causas sociais referentes ao reconhecimento da literatura de cordel a valorização da cultura popular e a sua relevância para o as conquistas dos cordelistas e folheteiros de todo o país.

A partir do reconhecimento da literatura de Raimundo Santa Helena como um instrumento de conscientização e informação, bem como sua relevância para a formação de uma memória e identidade da população sertaneja, o presente trabalho irá analisar os folhetos publicados no período pós-ditadura, que corresponde à redemocratização política do Brasil. Dessa forma, à luz do exposto, serão analisadas as obras: *Cartilha do Povo*, publicada pelo cordelista em 1982 e a folha volante *Democracia nas Urnas* (1985).

Os folhetos foram escolhidos levando em consideração seu conteúdo, voltados para a discussão acerca de assuntos do momento político vivenciado, além dos diferentes formatos em que são construídos, em vista que são, respectivamente: um folheto completo, uma folha volante e um cordel de um folheto/coletânea construído pelo próprio autor, onde estão presentes os cordéis “*Incultura Popular*”, “*Pobre Consumidor*” e “*Fé de mais*”. Essa diversidade auxilia na compreensão da singularidade da sua poética, bem como sua originalidade e versatilidade no que se refere à forma como o autor organiza os elementos para-textuais, de maneira a auxiliar na leitura e interpretação do conteúdo.

4 OS FOLHETOS DE SANTA HELENA

Boa parte da obra de Raimundo Santa Helena está disponível para consulta digital no site da Fundação Casa de Rui Barbosa, assim, é possível traçar alguns comentários sobre as características de suas produções. Ao ter contato com a literatura de Raimundo Santa Helena, em um primeiro momento, o que chama atenção do leitor são os elementos paratextuais que compõem seus folhetos. As capas, em sua grande maioria, não apresentam a tradicional xilogravura características da literatura de cordel, em seu lugar, observamos ou desenhos de aspecto caricato de personagens políticos da época ou ilustrações que sintetizam o assunto do folheto, de forma a gerar reflexão desde o primeiro olhar, como no caso de *Cartilha do Povo*.

Em sua estratégia para a composição dos folhetos, é bastante comum que nos espaços reservados para a contracapa o autor insira recortes de jornais com trechos de notícias, manchetes e fotos que se relacionam ao conteúdo dos versos, esse método é utilizado também no intuito de atestar a veracidade das informações ali contidas, trazendo partes do que seria o texto-base para a inspiração dos versos, essa estratégia é corriqueira nos cordéis que possuem um viés mais noticioso.

Figura 1 - Folheto Cruzado Furado



Fonte: Santa Helena (1988, p.1)

Figura 2 - Folheto Desagravo ao Tancredo



Fonte: Santa Helena (1985, p. 2)

Raimundo Santa Helena, ao discorrer sobre seu processo de escrita no documentário “De repente Santa Helena” (2007), explica que para a construção dos seus versos havia uma pesquisa prévia, nela era analisada a notícia a ser trabalhada no folheto sob a perspectiva de três meios jornalísticos diferentes. As informações que coincidiam eram então trabalhadas pelo autor em

seus versos. Esse processo, segundo Santa Helena, possibilitava que o cordelista escrevesse a verdade, pois, segundo ele, o jornalista é preso aos interesses da empresa a qual está vinculado, ao contrário do cordelista, que é livre.

Ao longo de suas capas também pode ser observada a constante utilização de recursos como letras maiúsculas, pontos de exclamação, palavras em negrito e destacadas, as aspas e o itálico. Dessa forma, para além do conteúdo, objetos que compõem desde a capa à diagramação dos folhetos de Raimundo Santa Helena, são minuciosamente pensados para auxiliar a leitura do seu público-alvo, seja no destaque de palavras ou no estímulo à associações do texto verbal ao não verbal, com o conteúdo das manchetes e imagens dos jornais e os desenhos caricatos. De acordo com Martins (2021, p. 18): “essa diagramação contribui para a ativação dos esquemas mentais responsáveis pelas associações necessárias para o processamento da semiose e o alcance do interpretante”.

Em um segundo momento, ao passar as folhas dos cordéis, se observa que é algo característico do estilo do autor inserir autobiografias. Essas biografias não possuem um padrão, podendo ser encontradas tanto logo na contracapa quanto ao final dos folhetos, mas se fazem sempre presentes levando as informações sobre a vida do autor, seu início na literatura, alguns dos títulos de seus folhetos mais populares, além dos feitos marcantes do autor no que se refere às suas publicações e militância política na luta pelo reconhecimento da literatura de cordel. Como pode ser observado nas imagens abaixo, a folha volante *Democracia nas URNAS*, por exemplo, traz as informações da quantidade de títulos publicados, tanto no Brasil quanto em outros países, sua participação em programas de TV e rádio, a quantidade de vezes em que foi citado em diferentes matérias, além da sua participação em palestras nas escolas, exposições e na imprensa.

Figura 3 - Folheto Cartilha do Povo

Literatura de Cordel para Criança – Raimundo Santa Helena
Folheto 237-1350. Rio, Brasil, 30-10-1986.

BIOGRAFIA
01. Raimundo Santa Helena foi parido no dia 6 de abril de 1926 num trole rodando à vara. Sua cabeça nasceu na Paraíba ("Canto do Feijão", hoje "Santa Helena") e o restante nasceu no Ceará ("Baixio", a 6 quilômetros), porque sua mãe, cearense morando na Paraíba, queria, pelo menos, um filho conterrâneo... não deu!
02. Seu pai, Raimundo Luiz do Nascimento, agricultor, mestre-de-linha e delegado de polícia, foi o fundador do município de "Santa Helena" e o posseiro legal número um. Ali morreu combatendo Lampião e mais 65 cangaceiros que invadiram e incendiaram a cidade em 9 de junho de 1927*. Sua mãe, Rosa Ferreira do Nascimento, estava grávida de 5 meses e foi maltratada pelos bandidos, que ainda tentaram matá-la. Na primeira punhalada defendeu-se com um ferro de engomar a carvão e na segunda foi salva pelo cabra "Jarraraca", amigo de infância de Raimundo Luiz. Na hora do tiroteio Santa Helena (com 14 anos de idade) foi camuflado com capim seco numa cacimba velha sem água, onde uma virgem (Chiquinha) o acalentou com os seios nus. * (Processo MF-0168-408-111-69, da Procuradoria Geral da Fazenda Nacional e carta GC-119/1980 da Presidência da República).
03. Em 1934 ("São João do Rio do Peixe", hoje "Antenor Navarro", Paraíba), Santa Helena viu sua mãe chorar ajoelhada, implorando ao tabelião Decécio Cypriano Manicobra, ao "coronel" Bento Teixeira e a um juiz, que as terras de seu finado marido (um quinto do município de "Canto do Feijão") lhe fossem restituídas, pois, por um documento de 28-2-1928 aqueles poderosos haviam arripado aquelas terras de herança da viúva e 3 filhos menores, herdeiros do herói. Os documentos originais de posse foram queimados pelos cangaceiros na luta de 1927.
04. No 2º documento de 1928 só constavam as 7 casas sem as terras respectivas nem o acúde que tinham sido transferidos numa escritura paralela ao "coronel", a quem Dona Rosinha foi coagida a vender as casas. E sem pagar nenhum tostão Bento a expulsou das propriedades a tiros de espingarda, singando todo mundo de filhos da puta. Sem defesa, foram morar num quarto alugado ao Antônio Rolim. A mãe de Santa Helena foi ser lavadeira e ele e seus irmãos Santo e Toinho carregavam latas d'água do cacimbo feito pelo saudoso pai. Para encher as caixas de banho dos comerciantes e fazendeiros as crianças acordavam de madrugada. Ainda vendiam cocada e tapioca aos passageiros do trem parado tomando água.
05. Certa vez, numa noite chuvosa, Santa Helena viu de sua rede, no claro dos relâmpagos, quando sua mãe, com uma espada, pela fresta da porta matou um forasteiro que queria estuprá-la. Tudo isso marcou a alma do poeta de cordel.
06. Ao meio-dia de 31-12-1937 Santa Helena saiu de casa num trem de madeira para matar Lampião. Mas foi expulso em "José de Alencar" e dali foi trabalhar em "Barbatana" como agricultor e lenhador, cuja lenha era vendida em Iguatu (5 horas a pé com o jumento "Jaburu"). No mercado recitava versos decorados.
07. Depois foi pra Fortaleza como pau-de-arara, dormiu na sarjeta (Igreja da Sé), comeu restos de comida (Mercado Municipal), porém se reabilitou trabalhando 13 horas por dia como baleiro da professora Carmen e estudando à noite num galinheiro, à luz de lamparina, discutindo com o galo. Al Santa Helena já sabia que o Lampião que cecava poderia ser visto em qualquer esquina do mundo.
08. Em 1943 Santa Helena fez provas e ingressou na Marinha de Guerra como aprendiz-marinheiro. É ex-combatente, condecorado 2 vezes pelo Governo.

Fonte: Santa Helena (1982, p. 8)

Figura 4 - Folha volante Democracia nas Urnas

Literatura de Cordel – RAIMUNDO SANTA HELENA

democracia nas urnas

A Democracia é
Nossa vontade secreta
Pingando dentro das urnas
Numa eleição direta!
É a coisa mais sagrada
E deve ser respeitada
Numa contagem correta...

Pois fraudar os resultados
É ultraje à Nação
A pureza do civismo
É a honra do povão
Que por motivo menor
Já se lascou no pior
Que foi a revolução!



Folha volante 110-A-298-1324. Rio de Janeiro, Brasil, 11-11-85: 8 mil exemplares.
1ª edição. Produção artesanal de Raimundo Santa Helena, poeta do Sertão de Cajazeiras, Paraíba, de onde fugiu com 11 anos de idade pra vingar a morte de seu pai assassinado por Lampião em 9-6-1927. Mas chegou em Fortaleza como pau-de-arara, dormiu na sarjeta, comeu restos de comida, porém se reabilitou trabalhando 13 horas por dia e estudando à noite num galinheiro, à luz de lamparina. Ingressou na Marinha e hoje é ex-combatente remunerado. Com este folheto completa 298 títulos de cordel publicados, com um milhão e 324 mil exemplares divulgados no Brasil e no estrangeiro. Santa Helena em 6 anos foi citado 1.644 vezes nos jornais, revistas, rádio e TV, de maneira positiva, pelo seu trabalho de LUTAS na Literatura de Cordel, com 304 palestras, etc., nas escolas, exposições e imprensa. No pleito de 25-8-83 da ABL, teve 4 votos. (Yara Lêdo Maltez)
Toda minha produção literária pode ser reproduzida com citação da autoria. Raimundo Santa Helena, caixa postal 17.055, Madureira, Rio, CEP 21312 ou Praça 15, 5ª feira, das 9 às 19 horas, em frente ao Paço Imperial.

Fonte: Santa Helena (1985, p. 1)

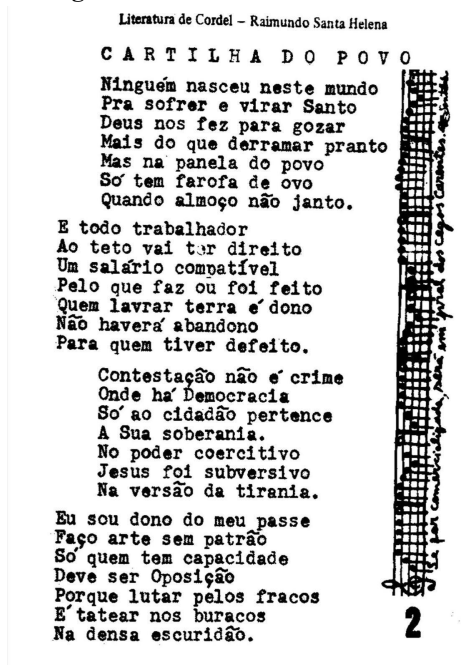
Essa estratégia, além de ser uma forma de informar melhor o público sobre quem é o autor daquele folheto, pode ser vista também como uma maneira de reafirmação do próprio Santa

Helena sobre seu espaço na Literatura de Cordel. Ao falar sobre si mesmo o autor reivindica um reconhecimento que de fato o é merecido pela sua trajetória pessoal e pública.

Ao longo das páginas, podem ser vistas informações que complementam os versos, são elas as notações musicais presentes na lateral das estrofes e as observações prévias sobre a composição do folheto. Em *Democracia Blindada*, logo antes de iniciar o folheto, o autor dispõe as informações de que o cordel que será lido possui 8 linhas em cada estrofe, sendo cada linha com 11 sílabas marcadas pelo esquema de rima ABBACDCD, ainda ressaltando a informação de que é composto a partir de fatos reais e que está preservando os nomes originais.

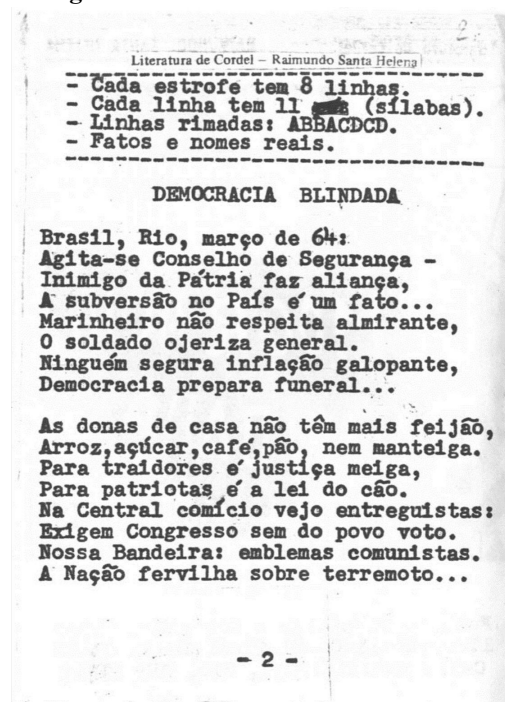
Outro elemento presente ao longo das páginas são as notações musicais que o autor faz questão de inserir na grande maioria dos seus folhetos, esse detalhe demonstra a atenção que o poeta voltava para a perfeição da forma, essa preocupação é explícita não apenas na construção rígida dos versos (no respeito à forma) como também visando o momento em que eles seriam declamados para a população. O autor compreende a importância da musicalidade para cordel e ao inserir as notações ele elucida que é fundamental que os versos sejam cantados/oralizados. Nessa perspectiva, Zumthor (1993) defende a autoridade da voz do menestrel, levando em consideração que ela é a responsável por preservar a memória de uma comunidade de forma poética.

Figura 5 - Folheto Cartilha do Povo



Fonte: Santa Helena (1982, p. 2)

Figura 6 - Folheto Democracia Blindada



Fonte: Santa Helena (1985, p. 2)

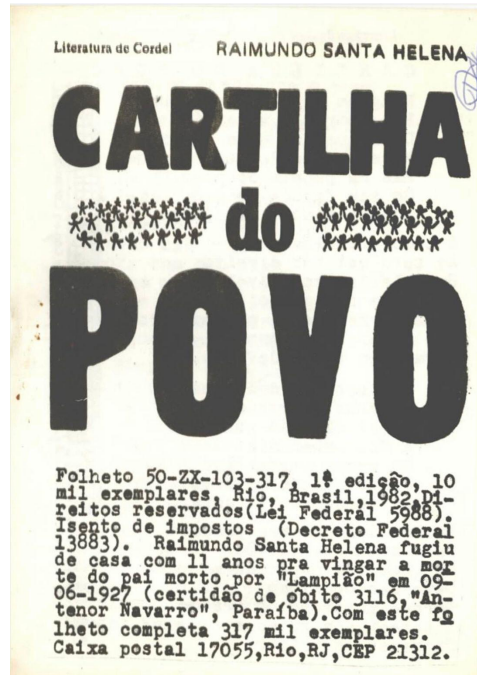
Ainda sobre a musicalidade do texto, se observa que Santa Helena utiliza bastante o esquema de setilha em redondilha maior, construindo então sete versos, cada um com sete sílabas poéticas. Esse esquema se segue na grande maioria dos seus folhetos e também estará presente nos versos que serão analisados no presente trabalho. Esse recurso métrico pode ter sido selecionado pelo autor para facilitar a compreensão e declamação dos folhetos, tornando-os mais fáceis de serem decorados e recitados pela população.

4.1 CARTILHA DO POVO

O folheto intitulado “Cartilha do Povo” teve sua primeira edição publicada no ano de 1982, é composto por oito páginas, cada uma com quatro estrofes, totalizando vinte e quatro setilhas. É utilizado ao longo do folheto o esquema de rimas ABCBDDDB, assim, sendo construído por setilhas em redodilhas maior. Apresenta ainda as notações musicais na lateral de cada página e a informação “se for comercializado, será em prol dos cegos carentes”. A capa

apresenta informações gerais sobre o folheto, como local de publicação, quantidade de exemplares, informações editoriais e uma breve biografia do autor.

Figura 7 - Folheto Cartilha do Povo



Fonte: Santa Helena (1982, p. 2)

Em um primeiro momento se pode observar a ausência da xilogravura, a capa é composta essencialmente pelo título e pequenas ilustrações ao redor das palavras, essas por sua vez se apresentam bem destacadas, sobretudo a palavra “povo”, que está centralizada no folheto. Ainda se vê figuras de várias pequenas pessoas com os braços estendidos. Essa composição nos remete ao conceito da palavra povo e popular, discutido anteriormente no decorrer deste trabalho.

Observa-se uma relação entre as pequenas pessoas que ilustram a capa e o destaque dado no título à palavra “povo”, a uma ideia de comunidade e multidão, relacionando os elementos não verbais ao conteúdo que será abordado ao longo do folheto. Dessa maneira, o cordel é iniciado da seguinte forma:

Ninguém nasceu neste mundo
Pra sofrer e virar Santo
Deus nos fez para gozar
Mais do que derramar pranto
Mas na panela do povo
Só tem farofa de ovo
Quando almoço não janto.
(SANTA HELENA, 1982, p. 2)

Os primeiros versos do folheto já apresentam um olhar crítico para a situação da população na época. Para as classes populares, a religiosidade era bastante presente no cotidiano, nessa ideia, questões como o sofrimento, por muito tempo, foram associadas a uma condição imposta como castigo ou penalização divina, sobretudo como uma forma de impor uma aceitação, conformando a população acerca da sua realidade e associando o sofrimento a uma vontade sobrenatural, estando além das condições humanas intervir e mudar este contexto. Dessa forma, parcela da culpa da falta de assistência à população é retirada da ineficiência estatal. Santa Helena inicia o folheto fazendo uma reflexão sobre a vontade divina e a fome que assolava muitas famílias.

Todo trabalhador
Ao teto vai ter direito
Um salário compatível
Pelo que faz ou foi feito
Quem lavrar terra é dono
Não haverá abandono
Para quem tiver defeito.
(SANTA HELENA, 1982, p. 2)

Na segunda estrofe do folheto o cordelista fala sobre a urgência de se pensar nos direitos dos trabalhadores e os impactos disso para a população, fazendo uma crítica às precárias condições de trabalho na época. Ao falar sobre o direito à moradia e a um salário compatível com sua função, Santa Helena gera consciência sobre as condições de trabalho atuais e a relação disso com a situação de vulnerabilidade enfrentada pelas famílias. Ainda se utilizando da terceira estrofe para legitimar qualquer manifestação ou reivindicação da população.

Contestação não é crime
Onde há Democracia
Só ao cidadão pertence
A Sua soberania.
No poder coercitivo
Jesus foi subversivo
Na versão da tirania.
(SANTA HELENA, 1982, p.2)

É pertinente observar como a questão da religiosidade é retomada na terceira estrofe com a imagem de Jesus. Nos versos, essa figura é inserida como uma forma de fazer com que a

população compreenda que ao contestar a situação em que vivem eles não estariam indo contra a vontade divina. Ademais, algumas palavras específicas são destacadas em letra maiúscula, como é o caso de “Sua soberania”, “Democracia” e “Oposição”, como uma forma de chamar atenção do leitor para esses termos específicos.

Eu sou dono do meu passe
Faço arte sem patrão
Só quem tem capacidade
Deve ser Oposição
Porque lutar pelo fracasso
É tatear nos buracos
Na densa escuridão.
(SANTA HELENA, 1982, p. 2)

Observa-se que logo na primeira página Raimundo Santa Helena indica o caminho por onde esse folheto irá seguir, serão versos que constatarem, desde a primeira estrofe, a posição de invisibilidade em que a classe trabalhadora é colocada diante da perspectiva política do país.

Santa Helena denuncia a insegurança alimentar e ausência de direitos enfrentada por diversas famílias sertanejas na década de 1980, relacionando a vivência das casas ao contexto político da época. Incentiva também a união das classes populares e a reivindicação por seus direitos. O cordelista prossegue na segunda página comentando sobre o papel das eleições para a mudança desse cenário.

Alguém disse que o povo
Tem sua memória fraca
Quem falou esta mentira
Vai gemer numa estaca
Ninguém pode progredir
Se ficar a repetir
Paca-tatu tatu-paca.

Do progresso brasileiro
O povão não usufrui
Embora com seu suor
É o que mais contribui
Mas num regime que suga
O honesto que madruga
Nada que preste possui.
(SANTA HELENA, 1982, p.3)

As duas estrofes que iniciam a terceira página do folheto *Cartilha do Povo* demonstram a tentativa do cordelista em fazer com que a população saia de uma posição de passividade,

explicitando que a situação enfrentada na época só poderia ser mudada a partir da conscientização da população acerca da sua condição. O poeta ressalta que embora a realidade enfrentada pela classe trabalhadora seja precária, é justamente essa classe que mais tem contribuído para o funcionamento do país, expondo a situação de desigualdade infringida pelo sistema.

Após levantar essa reflexão acerca do cotidiano nas casas, o poeta finaliza a página levando esses percalços como apenas uma das consequências de uma problemática acarretada por decisões que ocorrem em uma esfera nacional:

Ninguém aguenta mais
Abrangentes privações
Estrangeiros controlando
No Brasil nossas ações
Vamos revirar as normas
Decretar nossas reformas
A partir das eleições

Eleger o Presidente
Deputado Senador
Igualmente no Estado
Eleger Governador
Prefeito no Município
Seguinte mesmo princípio
Eleger Vereador.
(SANTA HELENA, 1982, p. 3)

Dessa forma, Santa Helena não apenas traça uma crítica a essas vivências de privações, ausência de direitos trabalhistas e condições de trabalho exaustivas, enfrentadas pelas famílias, como também relaciona essa precariedade a uma falha governamental, e não como uma falta de esforço individual, ressaltando a importância da participação dessas camadas populares nas eleições. Sendo a união popular na hora da votação um caminho para atenuar essas desigualdades.

Queremos Democracia
Plena e Constituinte.
Não queremos menor
Vivendo como pedinte
O BNH dos nobres
Deve se virar pros pobres
Queremos mais o seguinte:

Estados e municípios

Tenham mais autonomia
Tributária e política
Que não haja mordomia
Nem orgia no Poder
Que o pobre possa ter
O seu pão de cada dia.
(SANTA HELENA, 1982, p. 4)

É a partir da quarta página que o folheto analisado ganha novos caminhos, o que até então eram versos que buscavam conscientizar a população, passam a ser setilhas que fazem reivindicações.

Nesse exercício, o poeta dá voz às necessidades desses trabalhadores, mulheres, donas de casa e crianças, elencando uma sequência de direitos básicos: que um menor de idade não precise viver como pedinte, que essa população possa ter o que comer, que o Estado tenha mais autonomia política e que a democracia seja estendida a todas as camadas.

Nesse ínterim, Santa Helena prossegue seus versos fazendo novas exigências. Ao citar o BNH (Banco Nacional de Habitação), instituição financeira criada na década de 1964 e que se extinguiu no ano de 1986, o cordelista comenta a má aplicação desse sistema, elucidando que esse deveria se voltar aos pobres. O poeta além de legitimar as fragilidades do povo, ressalta o que precisa ser feito para uma política de inclusão efetiva. Prossegue o cordelista:

Que a lei de Segurança
Prenda ladrões-de-cartola
Sem coagir cidadãos
No trabalho ou escola
Leis de Censura Imprensa
Nesses termos ninguém pensa
Livrementemente sem argola.

Nosso povo apoiado
Na vida de mutirão
E queremos a mulher
Com mais valorização
Nosso meio ambiente
Pura como lá se sente
Nas florestas do sertão.
(SANTA HELENA, 1982, p. 4)

Nesse ponto o autor relembra para a população episódios que marcaram o período da ditadura, se utilizando desse espaço dado pelo período da redemocratização, Santa Helena afirma que nesses termos, com uma população intimidada, não há como ter um pensamento livre.

O folheto Prossegue com versos em defesa da união da classe trabalhadora em prol da exigência de melhorias, ainda tocando em temas como a necessidade da valorização e participação da mulher nesse contexto, bem como atenção para as problemáticas da devastação do meio ambiente, tópico ambiental bastante presente em seus folhetos.

Após fazer essa relação entre o cenário nacional, a urgência da participação popular nas urnas e as reivindicações por direitos, o autor continua trazendo o foco novamente para a realidade das famílias sertanejas, relacionando sempre suas reflexões às questões da política e economia do país:

Trabalhador que recebe
Só o Mínimo Salário
Família com 7 pobres
3 cafézinhos diário'
Não sobra nem um tostão
Para bisnaga de pão
Pobre vai chupar rosário.

O modelo econômico
Continua muito mal
Pequena média empresa
Viram lama no canal
Queremos mudar a fase
Que elas se tornem base
Da renda nacional.
(SANTA HELENA, 1982, p. 5)

Ao falar sobre o trabalhador, dessa vez Santa Helena comenta sobre a insuficiência do salário mínimo da época para o sustento das famílias, relacionando o salário ao modelo econômico da época, que segundo o poeta já ia muito mal. Esse mesmo sistema econômico é criticado pelo autor que menciona que nele só há espaço para as grandes empresas e multinacionais, sendo que, nesse contexto, são os pequenos empresários a base da renda nacional.

Percebe-se que a estratégia do cordelista em relacionar ocorrências do dia a dia do povo ao andamento da administração do país vai ser seguida ao longo de todo o folheto, o que pode se relacionar com o objetivo do poeta de demonstrar para a população a relação existente entre uma realidade nacional e uma realidade individual, no que se refere à política econômica, principalmente.

Explicando de forma simples, nos versos do cordel, como as decisões políticas sobre o rumo do país atingem as classes populares que contribuem ativamente para o crescimento da

nação e que, por sua vez, vivem situações de extrema vulnerabilidade social, emocional e econômica.

O autor já prossegue as estrofes tocando em outra temática, a questão das minorias:

Que haja maior respeito
Pelos grupos raciais
Também pelas minorias
Porque nós somos iguais
Um ensino democrático
Humano moderno prático
Justiça nos tribunais.

As multinacionais
Carregam nosso dinheiro
O desemprego empurra
O pobre pro cativoiro.
Na demissão coletiva
Povo na locomotiva
É apenas passageiro.
(SANTA HELENA, 1982, p. 5)

Dessa forma, Santa Helena vai tecendo para a população um comentário reflexivo que aborda desde a fome ao BNH, da situação de trabalho às minorias sociais e ao direito da mulher. Nas estrofes acima vemos que o autor também se ocupa de reivindicar reformas no ensino, defendendo que a vontade do povo é um ensino democrático e humano.

A questão do desemprego também é comentada pelo cordelista. Cabe lembrar que, no período do qual o folheto é datado, o país enfrentava uma crise no mercado de trabalho. No início da década de 1980 os níveis de desemprego aumentaram e consequentemente com eles as formas de trabalho informal, Santa Helena toca na questão das demissões coletivas, um processo desumano para a classe trabalhadora. O poeta ressalta os vínculos precários nas relações de trabalho, as demissões em massa e o descaso governamental frente a essa problemática.

No que se refere à indiferença do Estado frente a situação dessa população, o autor tece a seguinte setilha:

Têm gatunos de gravata
É só cutucar a toca
O Governo dá dinheiro
Pra plantarem mandioca...
Não plantam nem o farelo
E ladrão rico donzelo
Vai pra Boston tomar coca.
(SANTA HELENA, 1982, p. 6)

Nesse ponto do folheto pode-se observar que o poeta toca na questão do desvio de verbas, constatando-se, também, pela primeira vez no folheto referências ao exterior. Uma temática constante nos cordéis de Santa Helena é a influência Estadunidense sobre o Brasil, o cordelista tanto critica a imagem endeusada pelas elites quanto a relação exploratória que os Estados Unidos estabelece com o país. Esses comentários, presentes tanto no folheto analisado quanto no restante de sua bibliografia, se dão sobretudo pela vivência do cordelista no exterior, em sua atuação na marinha.

Em *Cartilha do Povo*, esses políticos que o poeta nomeia de “*gatunos de gravata*” utilizam as verbas que poderiam ser destinadas para o combate à fome, que assolava as camadas menos favorecidas, para servir a interesses próprios. Podendo também, em uma outra leitura, compreender que o poeta sugere que essas verbas são tiradas das camadas populares e colocadas à serviço das elites, ao analisar a contraposição entre termos como “*mandioca*” e “*coca*”. Os versos “*pra plantarem mandioca*” e “*vai pra Boston tomar coca*” estabelecem uma relação de contraste entre as classes, fazendo referência a uma divisão social proletariado e burguesia que aparecerá nas setilhas seguintes:

Não há creches pra criança
De quem trabalha estuda
Criminoso abastado
A justiça fica muda
Pobre já não tem dente
Usa unhas como pente
Nasce morre sem ajuda.

O pobre faz seu barraco
Na lama pedra barranco
Rico faz prédios de luxo
Pra classe “F” de franco
Onde havia prazer:
Pipa bola mais lazer
Na grama no sol no banco.
(SANTA HELENA, 1982, p. 6)

Nos versos acima é notório a relação de contrastes que o autor vai estabelecendo ao longo das setilhas, nesse contexto é comentado sobre duas invisibilidades diferentes: a primeira relacionada à cegueira da Justiça em relação a esses criminosos abastados, os “*gatunos de gravata*” das estrofes anteriores, e a segunda invisibilidade se refere a pobre passa perante os

olhos do Poder Público. Enquanto um esbanja riqueza desviada, outro sofre as consequências de ações que não são suas. Novamente a imagem do exterior aparece nos versos, dessa vez unido ao comentário do autor sobre as grandes indústrias e o aumento da inflação:

Vão comprar o trem a álcool
 No Canadá também trigo
 Há usina nuclear
 Hidrelétricas eu digo
 Pondo inflação pra frente
 Portanto futuramente
 Não devem virar jazigo.
 (SANTA HELENA, 1982, p. 6)

Nessa jornada o cordelista vai criando estrofes que expõem a carestia, impulsiona a luta popular, critica a exploração das multinacionais e as relações trabalhistas estabelecidas com as camadas populares, trabalhando no imaginário do seu público leitor a influência da política externa sobre o país, fundando bases para uma educação política relacionando essas temáticas à realidade do povo. Facilitando a compreensão de temas complexos, Santa Helena trabalha em cima do espaço que lhe foi dado pelo período da abertura política e concentra suas forças na criação de uma consciência de classe. Prossegue:

Flagelados no Nordeste
 Mendigando pela rua
 Comem bunda de formiga
 Só se vê criança nua
 Descomendo no buraco
 Vive Era do Macaco
 O Homem conquista Lua.
 (SANTA HELENA, 1982, p. 7)

Nessa setilha o poeta trabalha a vivência dos nordestinos retirantes, partes de comunidades inteiras de flagelados pelas secas provocadas pelas estiagens, pessoas que partiam em busca de melhores condições de vida nos centros urbanos. Essa realidade precária é trabalhada pelo cordelista como um retrocesso, sobretudo comparando com o que acontecia no cenário mundial. No último verso é evidenciado esse contraste, o poeta elucida o absurdo de que em uma realidade em que “O Homem conquista a Lua” possa coexistir uma parcela da população às margens desse avanço, lutando de forma silenciosa contra a insegurança alimentar.

Ao longo das estrofes analisadas Santa Helena vai esboçando aos poucos para seus leitores/ouvintes a gravidade da situação, chamando atenção para a negligência pública com as classes populares, conscientizando o povo acerca dos seus direitos. Ao percorrer esse caminho, o poeta constrói, de forma simples e fácil de ser absorvida e repassada, uma noção sobre democracia. Sobretudo atentando para o papel da participação ativa dessas camadas na (re)construção de uma nação que passava pelo processo de redemocratização política.

No intuito de corroborar o que é dito e provocar ao público leitor uma criticidade sobre essas vivências plurais, o autor finaliza a página retomando o tópico das eleições, incitando mais uma vez a participação política das camadas populares.

Aqui a Democracia
Vai virando palhaçada
Nos projetos o Partido
Decreta “questão fechada
Votar sem independência
É ter uma consciência
Vilmente violentada.

Todo país tem seu uso
Há conquista permanente
Que deve ser respeitada
Eleger o Presidente
Só o povo tem direito
Considero desrespeito
Votar indiretamente.
(SANTA HELENA, 1982, p. 7)

Raimundo Santa é reconhecido não só pela excepcionalidade da sua obra como também por sua militância política, tendo participado ativamente para a conscientização da população sobre a importância da realização de eleições diretas. Essa tema permeia diversos de seus folhetos, tais como “*Democracia nas Urnas*”, “*Diretas jaz na cova de satanás*”, “*Constituição do novo Brasil*” entre outros. No caso de “*Cartilha do Povo*” o tratamento sobre esse tema se diferencia dos demais, pois nele o autor não só aborda apenas a questão da eleição em si, como relaciona a relevância desse processo eleitoral como instrumento de mudança da realidade do povo.

Nas últimas setilhas o autor se dedica a tratar a urgência de representatividade política para essas comunidades no Governo, sendo a realização de eleições indiretas uma forma de desrespeito para a população. Ainda nesse sentido, o autor prossegue:

Dirigentes de escola
 Devem ser por eleição
 Pro ensino pra lavoura
 Que haja mais dotação
 Intermediários rua
 INAMPS sem falcatura
 Classe média sem “Leão”.
 (SANTA HELENA, 1982, p. 7)

Outra instituição governamental da época que é criticada no folheto é o INAMPS, Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência, sistema que deixou de existir anos mais tarde após a publicação do folheto, dando lugar ao SUS, Sistema Único de Saúde.

O ponto que é levantado pelo autor é a "falcatura" nesse sistema, que na época fornecia assistência apenas aos trabalhadores que possuíam vínculo empregatício comprovado em carteira. Ou seja, deixando uma grande parcela da população desamparada, que, conforme comentamos anteriormente, já enfrentava uma crise no mercado de trabalho que gerou o aumento de empregos informais.

A pobre dona-de-casa
 Seu companheiro família
 Morar comer viajar
 Comprar alguma mobília
 É uma dificuldade
 Que não tem prioridade
 Nos pacotes de Brasília
 (SANTA HELENA, 1982, p. 8)

As estrofes que encerram a *Cartilha do Povo* sintetizam o que foi trabalhado pelo autor ao longo das 7 páginas anteriores. Em um primeiro momento, o poeta faz novamente o recorte do cotidiano das famílias e as dificuldades para conseguir manter uma vida humana e digna. Ressaltando que os interesses da população não estão em pauta no Senado, esse último verso irá se relacionar com a estrofe seguinte:

Nenhum Governo respeita
 Povão que é desunido
 O Lobo vira Senhor
 Do cordeiro encolhido
 Quem não se junta perece
 Mas quem se une merece
 Um viver evoluído.
 (SANTA HELENA, 1982, p. 8)

Se os interesses da classe trabalhadora não são prioridade em Brasília, logo a solução é a união popular no momento da votação para trazer uma voz de representatividade para esse Governo que se reestrutura pós-ditadura. Em outras palavras, é apenas através da organização do povo, seja em sindicatos ou nos levantes populares, que será possível arquitetar mudanças efetivas que venham a trazer um “viver evoluído”, forma de vida que é definida pelo autor ao longo do folheto com a exposição dos direitos que todos deveriam ter.

Nos discursos na TV
 Presidente pede voto
 Por causa da “Lei Falcão”
 Oposição só tem foto
 7 quedas vai morrendo
 Criança nasce devendo
 A solução eu anoto:

Façamos uma votação
 Uma cívica peneira
 Nosso povão no Governo
 Vai sacudir a peneira
 Da tempestade de ventos
 Que nublou os fundamentos
 Da família Brasileira.
 (SANTA HELENA, 1982, p. 8)

O autor finaliza chamando atenção da população para as campanhas para presidente, enquanto o atual governante, empossado pelo golpe, discursava nos meios de comunicação pedindo votos, a oposição ainda enfrentava a censura promovida pela “Lei Falcão”, instaurada em 1976, legislação onde os candidatos eram proibidos de realizar qualquer pronunciamento em horário eleitoral. Em vista dessa lei, apenas era divulgado o nome, um breve currículo e o número do candidato.

Sendo assim, Santa Helena se utiliza do espaço concedido a ele, na literatura de cordel, para trabalhar a construção de uma consciência política nas camadas populares, sobretudo dentro de uma sociedade que ainda sofria os efeitos da ditadura militar com aparatos estatais como a Lei Falcão, ainda em vigência na época. Nessa perspectiva, o cordelista se utiliza dos versos para atingir os trabalhadores, donas de casa, camponeses, que possuíam pouco ou nenhum acesso à meios de informação, transformando o seu cordel em um instrumento de expressão alternativa de comunicação popular. De acordo com Menezes (1977, p. 33):

A literatura popular em verso, embora contribua no conjunto para a estabilidade e continuidade de uma cultura, pode atuar também, e de fato o faz, no sentido de favorecer a mudança social, assim como pode constituir um meio de ação política, programada e intencional, ou meramente implícita.

É dentro desse contexto político de redemocratização que a literatura de Raimundo Santa Helena atua como instrumento de mudança social. Despido de teorias, o cordelista tem livre acesso às minorias sociais, tornando sua linguagem acessível através da contação das suas setilhas. Esse conteúdo é levado para as feiras e declamado publicamente para seus transeuntes, comercializados e recitados boca a boca, ao longo de várias edições, em locais públicos e dentro das casas retratadas pelo cordelista ao longo do folheto.

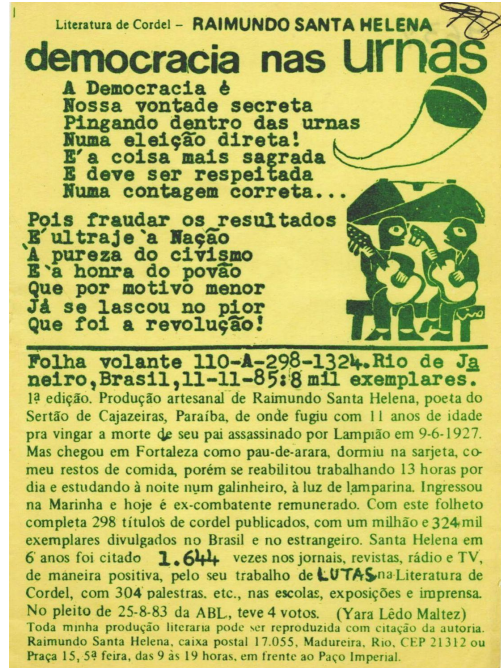
Esse exercício, dentro de uma realidade pós ditadura, torna coletiva experiências individuais, incitando a união daqueles que se identificam com os cenários descritos e conscientizando essa multidão marginalizada sobre o cenário político da época, sua relação com o cotidiano dessas casas e as medidas que podem e devem ser tomadas para uma transformação que promova um exercício pleno da democracia, que o cordelista tanto fala em seus folhetos.

4.2 DEMOCRACIA NAS URNAS

A folha volante *Democracia nas Urnas* se diferencia do formato dos outros títulos do autor, visto que é construído por apenas duas estrofes em uma folha, tendo sido publicado por Raimundo Santa Helena em 1985.

Dentro do contexto de publicação da folha volante o país se preparava para o que seria sua última eleição indireta para a Presidência da República durante a ditadura militar. Diante desse cenário de controvérsias, a literatura de Santa Helena no período que data do início da década até o ano de 1985 é marcada por folhetos de forte ativismo político. Vemos que a temática das eleições e títulos relacionados à democracia aparecem constantemente nos cordéis do autor, um dos que se destacam é o *Democracia nas URNAS*.

Figura 8 - Folha volante Democracia nas Urnas



Fonte: Santa Helena (1985, p. 1)

Em um primeiro momento, se observa que o título apresenta a palavra “urnas” destacada e grafada com letra maiúscula, essa é uma estratégia bastante utilizada pelo autor, dando destaque a termos específicos para chamar a atenção do leitor ou sintetizar o conteúdo central do folheto. Como característico do poeta, a capa não apresenta xilogravura, sendo composta por uma ilustração que representa dois cancioneiros cantando abaixo do círculo azul da bandeira do Brasil.

Acompanhado das duas estrofes que compõem a folha volante, há, além da ilustração, a biografia do autor e informações acerca da publicação. Os versos utilizam o esquema de setilhas e dão voz à reivindicação da população na realização de uma eleição direta. Dessa forma, o cordelista tece um comentário, em versos breves, ressaltando a importância da restituição desse espaço de participação política para o povo, em vista que o principal desejo no momento seria o estabelecimento de uma democracia:

A Democracia é
Nossa vontade secreta
Pingando dentro das urnas
Numa eleição direta:
É a coisa mais sagrada
E deve ser respeitada
Numa contagem correta
(SANTA HELENA, 1985)

De fato, a eleição ocorrida no ano de 1985 põe fim à ditadura, embora tendo ocorrido de forma indireta, a disputa foi realizada entre o até então deputado federal Paulo Maluf - do Partido Democrático Social (PDS/SP), que estava sendo apoiado pelo regime militar - e Tancredo Neves, da oposição, governador de Minas Gerais até o ano anterior, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Assim foi instituído o cargo a Tancredo Neves por Colégio Eleitoral.

Pois fraudar os resultados
É ultraje à nação
A pureza do civismo
É a honra do povão
Que por motivo menor
Já se lascou na pior
Que foi a revolução.
(SANTA HELENA, 1985)

Na última setilha o cordelista faz uma reflexão sobre o desrespeito à nação e ao povo que uma eleição com resultados fraudados representa. A folha volante apresentada, embora não tão elaborada quanto o cordel analisado anteriormente, e exemplifica o movimento que o autor faz no sentido de dar voz às reivindicações populares.

Ao falar sobre a acessibilidade do folheto de cordel para as comunidades, o poeta Manoel de Almeida Filho (1979, p. 202) explica:

[...] a grande maioria dos nossos fregueses lê o livro cantando. Como a gente lê, eles aprendem as músicas dos violeiros, e eles cantam aquilo. [...] E, em casa reúnem uma família, três, quatro, e cantam aquilo, como violeiro mesmo [...] O folheto tem esta doçura do verso. E o povo nordestino se acostumou a ler o verso. Então o livro em prosa mesmo, ele não gosta e nem gosta do jornal, a notícia do jornal. [...] Ele não entende. [...] Porque está acostumado a ler rimado, a ler versado. [...] Aquela notícia não é boa para ele, o folheto sim, porque o folheto ele lê cantando.

Nesse sentido, Raimundo Santa Helena, ao se utilizar dos versos para trabalhar temáticas complexas como as eleições, exerce um papel pedagógico frente à politização das classes populares. Tornando explícita a importância da participação política do povo e simplificando as reviravoltas que ocorrem num período em que a democracia ainda é um desejo, não uma materialidade, e o país se recupera dos períodos nebulosos da ditadura desde 1964.

Ainda levando em consideração que esse trato com a notícia é munido à estratégia do cordelista em relacionar essa esfera política às dificuldades enfrentadas pelas famílias, tecendo comentários que demonstram um olhar de quem partilha dos valores que são comuns ao seu público leitor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura de cordel se manifesta na Cultura Popular como uma forma de linguagem que consegue passar para seu público significados em cada mínimo detalhe de sua composição. Ao utilizar os versos, as imagens e trazer recursos da oralidade para contar narrativas de acontecimentos históricos, ocorrências cotidianas, tecer críticas ou entreter a população, constrói

uma forma de literatura genuinamente do povo e para o povo, tão original e singular que consegue se reinventar a cada vez que é declamada.

Essas características potencializam o folheto de cordel no Nordeste brasileiro, fatores como sua fácil compreensão possibilitaram proximidade com o público leitor, coletivizando experiências subjetivas e partilhando valores que são comuns entre o cordelista e o povo. Dessa forma, com o passar do tempo, a população concedeu uma credibilidade ímpar tanto ao folheto quanto ao poeta que o dá vida, transformando os poemas em um grande veículo disseminador de ideias.

Ao abordar assuntos referentes ao período de abertura política e à ditadura militar, o poeta evoca memórias. Nesse sentido, Raimundo Santa Helena consegue fazer de sua literatura um instrumento de conscientização social, desmistificando assuntos como a ditadura e suas consequências, a importância da participação popular no voto, a necessidade de eleições diretas e a influência da política nacional e externa nas vivências individuais do povo. Trabalhando assuntos complexos de uma forma que aproxima e causa identificação nos indivíduos.

Com os discursos produzidos em seus cordéis no período da redemocratização, Santa Helena tece um trabalho singular na reconstrução de uma memória coletiva sobre o passado recente dos anos de ditadura. Com sua técnica de produção, utilizando ilustrações, recortes de jornais e diferentes materialidades, consegue se fazer ouvir até pela população iletrada, chegando a lugares onde a informação era limitada.

Dessa forma o cordelista aproxima a população de seu pensamento, conseguindo instruir de uma forma crítica e simples o povo acerca dos seus direitos e da necessidade de uma organização popular para a tomada de ações no presente, ecoando vozes silenciadas pelo tempo e pela história, as potencializando para participar ativamente na construção de uma nova realidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras: ALB, 1999.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. **Folhetos (a literatura de cordel no Nordeste brasileiro)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia)–PPG do Departamento de Ciências Sociais

da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 10. reimpr. São Paulo: Brasiliense, 1996. Volume 1: magia e técnica, arte e política.

DICIONÁRIO, MPB. Raimundo Santa Helena. **Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira**, [S. l.], [S. d.]. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/raimundo-santa-helena/>. Acesso em: 1 nov. 2022.

LUYTEN, Joseph M. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

MONTENEGRO, Antônio Torres. As ligas camponesas às vésperas de 1964. **Proj. História**, São Paulo, 2004, n. 28, v. 2, p. 391-416,

MENEZES, Eduardo Diatahy Bezerra de. Para uma leitura sociológica da literatura de cordel. **Rev. Ciências Sociais**. Fortaleza, v. 8, n. 1-2, p. 7-87, 1977. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/44436/100473>. Acesso em: 22 nov. 2022.

MELO, R. A. de. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 72, p. 245-261, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i72p245-261. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/157060>. Acesso em: 2 nov. 2022.

OLIVEIRA, Débora Motta de. **Jornalismo-arte na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANTA HELENA, Raimundo. **Plataforma de um poeta de cordel imortável**. Folheto 261, Rio de Janeiro, 25/07/1988.

SANTA HELENA, Raimundo. **Cartilha do Povo**. Folheto 317, Rio de Janeiro, 17/09/1988.

SANTA HELENA, Raimundo. **Cruzado Furado**. Folheto 308, Rio de Janeiro, 16/09/1986.

SANTA HELENA, Raimundo. **Democracia nas Urnas**. Folheto 298, Rio de Janeiro, 11/11/1985.

SANTIAGO, Silviano. Democratização no Brasil 1979-1981 (cultura versus arte). In: ANTELO, Raul (org.). **Declínio da arte, ascensão da cultura**. Florianópolis: Abralic, 1998. p. 11-24.

SILVA, Dâmares Carla da. **A literatura de cordel como elemento de resgate e preservação da memória coletiva do povo nordestino**. 125 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

